

Desafio destas eleições: atender aos anseios dos 'ex-pobres'

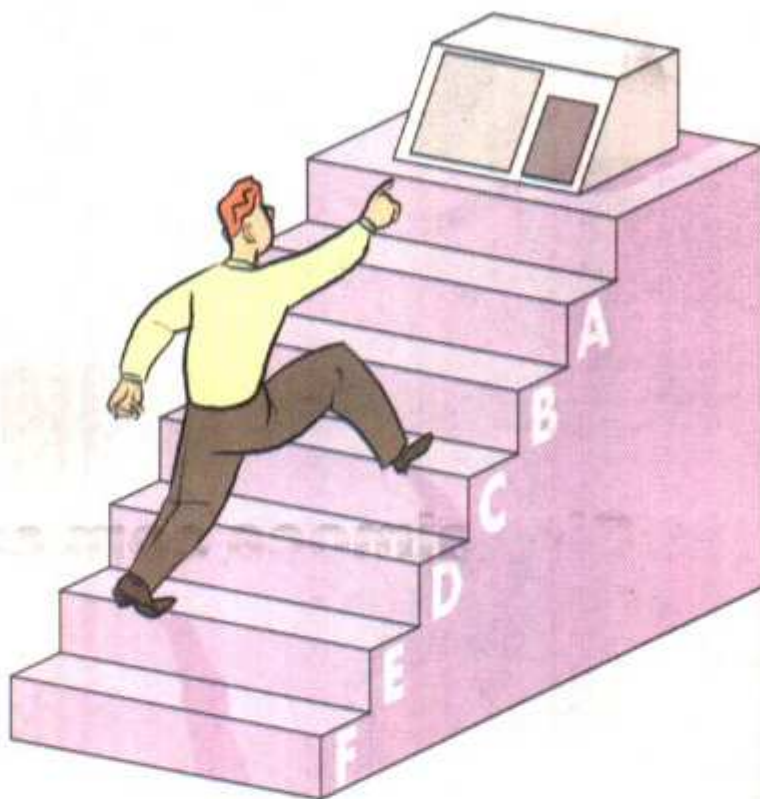
Aumento da renda muda perfil do eleitor brasileiro, afirmam especialistas

Com a saída de 9,5 milhões de pessoas da indigência e de 18,4 milhões da pobreza, entre 2004 e 2008, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os candidatos brasileiros se deparam este ano com um novo perfil eleitoral no país. Na avaliação de especialistas, esses eleitores terão preocupações diferentes na hora de votar.

Para o cientista político da Universidade de Brasília, David Fleischer, quem antes trocava o voto por um prato de comida nas eleições, agora poderá demonstrar preocupações menos imediatistas. "Essas pessoas que tiveram uma ascensão social, estarão mais preocupadas em preservar algum patrimônio. Elas provavelmente mudaram o lugar de moradia, seus filhos agora estudam, e elas estarão preocupadas com essas coisas", explica o especialista.

Na opinião de Fleischer, esses eleitores podem se tornar mais maduros em questões como educação e saúde. Outro reflexo que pode ser sentido, segundo ele, é o de um maior conservadorismo ao analisar as propostas dos candidatos. "Esse ex-pobre tende a estar mais preocupado com questões como segurança pública e invasões de terra, e menos preocupado com os outros que continuam pobres."

O economista e pesquisador do Centro de Estudos Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Nery, concorda que a chamada "nova classe C" irá imprimir mudanças no perfil dos eleitores no pleito de outubro. Segundo ele, os cida-



dãos que se enquadram nessa categoria já somam aproximadamente 50% da população e poderiam escolher sozinhos as eleições, caso votassem em num único candidato.

"É uma classe poderosa (a nova classe C), mas não é homogênea", ressalva o economista. Nery concorda que esses eleitores devem "cobrar mais caro" por seus votos agora, e tendem a ser menos vulneráveis à manipulação eleitoral. "Quando as pessoas saem da condição de miserabilidade, muda o horizonte delas."

Esses resultados, de acordo com o economista, não são fruto apenas do aumento direto da renda – segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a renda média do trabalhador brasileiro subiu de R\$ 1.694, em 2001, para

R\$ 1.808, em 2007. O crescimento constante da escolaridade – que começou há mais tempo, segundo ele – tem influência mais significativa na consciência eleitoral.

"O brasileiro fez o seu dever de casa e pôs o filho na escola. Se você olhar e ver que coisas mais estruturantes, como a educação, estão crescendo junto com a renda, isso permite vislumbrar, no futuro, um nível maior de consciência e, no presente, um número menor de oportunismo", explicou.

O pesquisador da FGV disse ainda que o processo de amadurecimento é natural quando se atinge um período longo de democracia, como está acontecendo no Brasil. "Como democracia é uma coisa que se pratica, vamos começar a ver o resultado disso", afirmou. (ABr)